
Propagandas – uma análise estrutural. Jacques Ellul (trad. port. Miguel Serras Pereira).

João Tiago Proença

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/870>

DOI: 10.4000/cp.870

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Refêrencia eletrónica

João Tiago Proença, « *Propagandas – uma análise estrutural.* Jacques Ellul (trad. port. Miguel Serras Pereira). », *Comunicação Pública* [Online], Vol.9 nº16 | 2014, posto online no dia 15 dezembro 2014, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/870> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.870>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Propagandas – uma análise estrutural. Jacques Ellul (trad. port. Miguel Serras Pereira).

João Tiago Proença

REFERÊNCIA

Propagandas – uma análise estrutural, Jacques Ellul, (trad. port. Miguel Serras Pereira), Lisboa: Antígona, (385 páginas), ISBN 978-972-608-247-7

- 1 Numa das entrevistas a Chastenet, Ellul afirma, referindo-se a um *meeting* a que assistira na Alemanha nacional-socialista, “plus personne n’avait de réactions personnelles” (Ellul, 2014, p. 137), acontecimento que se tornou um ponto de partida para os seus trabalhos sobre a propaganda. Ora, como no caso de tantos outros, a propaganda totalitária foi não só o fenómeno a ser estudado, como se aí ele se apresentasse em toda a sua pureza, mas também a experiência que daria o tom à própria avaliação da natureza da propaganda, reforçando-se mutuamente os dois aspectos – a mobilização total dos meios propagandísticos mais não faria que revelar toda a indignidade moral da propaganda.
- 2 Se num primeiro momento se poderia ser levado a crer que Ellul se inscreve em tal tradição, *Propagandas* contém em si os elementos que desfazem paulatinamente esta noção. Trata-se aqui, com efeito, de uma compreensão da propaganda apenas inteligível à luz das teses de Ellul sobre a técnica, presentes mas não explicitadas neste texto. É, por isso, legítimo afirmar que a convergência teórica relativamente à propaganda totalitária, assinalada *supra*, se esboroa, ou, pelo menos, muda de sentido. Só na medida em que o totalitarismo é um avatar do tecnicismo pode a análise da propaganda totalitária ser generalizável a outros tipos de propaganda, uma vez que a técnica *tout court* impede as *réactions personnelles*. Assim sendo, deixa de ser possível distinguir a boa propaganda da má propaganda, ou a propaganda totalitária da propaganda

democrática, pois aquilo que se mostra decisivo não é a verdade da causa por ela servida mas o meio técnico que lhe é sempre comum¹.

- 3 O capítulo V da obra *La technique ou l'enjeu du siècle*, intitulado precisamente *Les techniques de l'homme*, pretende dar a ver que as técnicas do homem são requeridas pelo rendimento técnico, e por isso são dele dependentes². Por outras palavras, as técnicas do homem não têm qualquer autonomia perante as técnicas que as exigem e por isso são refractárias a uma condução por fins exteriores, como o quereriam as visões humanistas, para as quais as técnicas são neutras³. As técnicas do homem são o meio técnico de lidar com o factor humano, dado que, *ad maiorem Technae gloriam*, a racionalização material exige uma racionalização psicológica, do interior do homem, no duplo sentido do genitivo.
- 4 A primazia da técnica funda a leitura elluliana da propaganda. Os fenómenos que noutras análises podem ser considerados primeiros são em Ellul secundários. Assim, noções como massa e respectivos meios de comunicação, anonimato ou indivíduo solitário, entre outras⁴, são em primeiro lugar fruto da técnica, cujo imperativo de rendimento arrasa, em sentido literal, tudo o que se lhe opõe, para poder construir em solo virgem. Daí que a cientificidade que Ellul vislumbra na propaganda moderna seja inseparável do seu aspecto de totalidade; ambos os caracteres devem ser compreendidos em função da *ortopraxia* (Ellul, 2014b, p. 43), que é
[...] uma acção que em si mesma, e não em função de juízos de valor da pessoa que age, acarrete a exactidão e a justeza relativamente a certo fim que o indivíduo não se propõe, que não é para ele um objectivo consciente e voluntário, mas que o operador da propagação tem consideração.
- 5 A *ortopraxia* é, pode-se verificá-lo agora, a ausência completa das *réactions personnelles*, que não se deve limitar ao nível individual; tem antes de ser colectiva, dado que, por um lado, os meios técnicos são padronizados para efeitos de maior rendimento, e, por outro, a integração só pode ser total quando a despersonalização do indivíduo não for um caso patológico mas se entrosar com a de todos os outros⁵, ou seja, quando for uma “possessão interior do indivíduo por uma potência social que desapossa o indivíduo de si próprio” (Ellul, 2014, p. 104). A propaganda é fatora da integração total com que termina *La technique*⁶.
- 6 Reside aqui o *apport* decisivo para a teoria da propaganda de Ellul – e não nas classificações, tipologias ou definições –, que se declinará em duas versões: o mito e o reflexo. Duas imagens da mesma mobilização total pelos campos políticos que se opuseram: os EUA utilizam o mito; a URSS, o reflexo⁷. Nos dois casos o objectivo é só um: levar o homem à *ortopraxia*.
- 7 Tal, porém, não autoriza uma visão instrumental da propaganda por parte do sistema político como um todo, que gira sobre si mesmo, como se de uma concatenação de meios sem exterior se tratasse. O Estado é obrigado à propaganda por imperativo técnico e não ideológico; aliás, na medida em que a ideologia não pode ser reduzida a mito, é posta de lado, uma vez que não motiva a acção. Cumpre por isso notar que isto não significa que o propagandista enquanto técnico não opere de modo descomprometido, conservando uma visão soberana sobre os meios de propaganda; bem pelo contrário, reside aqui a condição do seu êxito (Ellul, 2014, pp. 224-229).
- 8 Com base nos pressupostos que fundamentam a leitura elluliana da propaganda, as técnicas por eles enquadradas são apresentadas de tal modo que *Propagandas* é também um *vade-mecum* para a prática, que, apesar de colher os seus exemplos na política, a que

está em grande medida reservado hoje em dia o vocábulo propaganda *qua* termo técnico, se aplica à síndrome propaganda-publicidade-relações públicas (Busino, 1999).

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1997). *Internacional Situacionista – Antologia* (org. trad. notas e pref. Júlio Henriques). Lisboa, Antígona.
- Busino, Giovanni (1999). Propaganda. In *Enciclopédia Einaudi*, vol. 38, Lisboa: INCM, pp. 314-335.
- Ellul, Jacques (2014 [1962]). *Propagandas – uma análise estrutural* (trad. port. Miguel Serras Pereira). Lisboa: Antígona.
- Ellul, Jacques (1990 [1954]). *La technique ou l'enjeu du siècle*. Paris : Economica.
- Ellul, Jacques (2008a [1994]). *Ellul par lui-même. Entretiens avec Willem H. Vanderburg*. Paris : La Table Ronde.
- Ellul, Jacques (2008b [1946]). *Le fondement théologique du droit*. Paris : Dalloz.
- Ellul, Jacques (1998 [1967]). *Métamorphose du bourgeois*. Paris: La Table Ronde.
- Ellul, J. & Chastenet, P. (2014 [1994]). *À contre-courant. Entretiens*. Paris : La Table Ronde.
- Weber, Max (2006) *Sociologia das Religiões* (trad. Paulo Osório de Castro). Lisboa: Relógio d'Água.

NOTAS

1. Apesar de raramente ser referido por Ellul, as teses principais de *La Technique*, e, por conseguinte, de *Propagandas*, repetem as concepções de Weber sobre o *putsch* dos meios contra os fins – numa formulação cristalina, “tudo se passa como se os fins desaparecessem em consequência da amplitude dos próprios meios de que dispomos” (Ellul 2008, p. 391); sobre o extra-quotidiano erotizado em sentido próprio e sob figurino místico (Weber, 2006, p. 216, pp. 286-287, p. 339; Ellul, 2008, pp. 377-388); e sobre a razão administrativa e a integração total despersonalizante (Weber, 2006, pp. 326-329; Ellul, 2008, pp. 372-373).

Sobre Weber dirá Ellul, nas entrevistas gravadas com o estudante canadiano Vanderburg, em 1979: “Claro está que já havia quem tivesse visto mais ou menos qual poderia ser o papel da técnica. Penso em Max Weber em particular, um pouco mais tarde em Lewis Mumford, mas creio que não se pode identificar a investigação que fiz com a deles. Com Max Weber, temos, sem dúvida nenhuma, um grande parentesco de método, mas não posso dizer que Weber me tenha influenciado, porque, na época em que iniciei as minhas pesquisas não conhecia de todo o seu pensamento e a sua sociologia. Foi só depois da guerra que travei conhecimento com a sua obra. A principal diferença entre mim e Weber é que, pese embora o seu génio e a sua capacidade de previsão, ele analisou uma sociedade que é a sociedade de 1900, 1920 em rigor, ano da sua morte. Não conheceu, pois, o fenómeno técnico no seu pleno desenvolvimento [...]. Teve uma certa visão da generalidade do fenómeno técnico, pensou na burocratização da sociedade na perspectiva técnica, mas não pôde evidentemente estudar o fenómeno em si próprio” (2014b, pp. 60-61). Não conhecer os textos de Weber é diferente de reduzir as suas análises à sociedade de 1920, algo que,

no mínimo, demonstra negligência. A semelhança com o autor alemão revela-se com maior nitidez na generalização da técnica como racionalização à história do Ocidente, inscrevendo-se Ellul deste modo numa história crítica da razão, ao lado de Nietzsche e Heidegger ou de Adorno e Horkheimer (Ellul, 1998, p. 332).

2. Nunca será demais enfatizar a importância deste texto na obra de Ellul. A Chastenet declarará que, no plano sociológico, é dos seus livros aquele que prefere (2014, p. 230). Assinale-se que *Propagandas* é a obra que se segue a *La Technique*.

3. “As técnicas do homem só existem na medida em que o homem está submetido às condições do económico e na medida em que o mecânico permite exercer sobre ele os meios descobertos. Negligenciar isto é entrar no sonho; mas admiti-lo é aperceber-se então de que as técnicas do homem estão condicionadas, na realidade (não na abstracção filosófica onde a liberdade é sempre possível), pelo económico, o político, o mecânico. Em nenhum momento são as técnicas do homem que podem dominar: porque elas só existem em relação às outras. Nunca elas existem em estado puro e deve-se então interpretar os seus meios, as suas tendências, os seus resultados em relação às outras. Se as técnicas do homem implicassem um conflito com as outras elas seriam fatalmente derrotadas, pois já não teriam substância.” (Ellul, 2008, p. 357.)

4. Sirvam como *communis opinio* da disciplina as palavras de Busino: “A propaganda como projecto coerente, como facto organizativo planificado ou calculado, como visão tendente à totalidade, é o produto natural de fenómenos pertencentes exclusivamente às sociedades modernas como são o adensar-se e o difundir-se do tecido urbano, o crescimento e a infiltração capilar no quotidiano dos meios de comunicação, a especialização dos conhecimentos e o multiplicar-se das informações, o afastamento cada vez mais abissal entre o momento da produção e o do consumo, a exigência de participação de todos na vida colectiva [...]” (1999, p. 316).

5. Sem usar o termo, Ellul analisara já a *ortopraxia*: “A acção no meio técnico deve ser não somente exactamente correspondente a este meio, mas também colectiva: deve pertencer à ordem do reflexo educado. Cumpre, com efeito, que à necessidade técnica responda um rigor humano perfeito e como o meio técnico nos diz respeito a todos nós, não é um homem ou alguns que devem ser assim educados mas a totalidade, e o reflexo deve ser colectivo” (2008, p. 371).

A *ortopraxia*, que tem como limite o “robot feliz”, “um homem refeito” (1990, p. 372), foi precisamente aquilo que suscitou a concordância dos situacionistas “Jacques Ellul, no seu livro *Propagandes* (Colin, 1962), ao descrever a unidade das diversas formas de condicionamento, tem o mérito de mostrar que esta publicidade-propaganda não é uma simples excrescência doentia que seria possível proibir, visto ela representar ao mesmo tempo o remédio destinado a uma sociedade globalmente doente, remédio este que permite suportar o mal, agravando-o. As pessoas são em larga medida cúmplices da propaganda e do espectáculo reinante, porque só os poderão rejeitar contestando a sociedade por inteiro” (AAVV, 1997).

Ellul também não ignorava a Internacional Situacionista e a crítica do espectáculo, que é também a sua quando assinala que o burguês deixou de ser uma classe e se generalizou ao ponto de esquecer as suas raízes históricas: “O primeiro resultado permanente da obra burguesa (já aludimos a isso, e desde há algum tempo, com H. Lefèbvre e os cadernos situacionistas, este facto tem chamado a atenção) é a transformação de toda a obra, toda a instituição, toda a actividade, todo o valor, da própria vida, em espectáculo” (Ellul, 1998, p. 178).

6. O problema da integração total já aparece bem delineado sob o impacto da Segunda Guerra Mundial, e ligado precisamente à ideia de uma *perfeição* técnica (Ellul, 2008b, p. 81). Saliente-se que muito do que é dito nessa obra sobre o Direito foi posteriormente incorporado em *La technique, maxime* no capítulo IV, III – *Summum jus, summa injuria* (1990 [1954], pp. 265-272).

7. Os conceitos estão longe de serem alvo de igual tratamento. Enquanto Ellul dedica várias páginas, em vários momentos da obra, à noção de mito, a noção de reflexo é apenas formalmente referenciada. Saliente-se que *qua termi technici* aparecem já em *La technique*. A propaganda, afirma-se, “não deve conduzir à escolha e à decisão voluntária, mas ao reflexo e ao mito” (1990

[1954], p. 331); o que importa é que “os efeitos humanos da técnica são independentes da finalidade ideológica” a que se aplicam e transformam o homem num “animal adestrado” do qual desapareceu “o problema moral” (1990 [1954], p. 341).

AUTORES

JOÃO TIAGO PROENÇA

Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa
joatiagoproenca@yahoo.com